



A DESAUTOMATIZAÇÃO DE DISCURSOS OBJETIFICADORES DOS CORPOS FEMININOS EM LETRAS DE MÚSICAS CONTEMPORÂNEAS ATRAVÉS DA INTERTEXTUALIDADE

Fabiosmara de Aguiar Silva ¹
Fábio da Silva Brainer ²

INTRODUÇÃO

A música, desde a antiguidade, faz parte da vida humana. É cenário de muitas experiências, narra relações e dicotomias existenciais, descreve visões de mundo, contagia ou emociona. É multifacetada e singular ao mesmo tempo. Traduz hábitos e costumes, conta a história de um povo através de seus ritmos e letras. Empodera, mas também violenta! Realidade que está dentro das salas de aula, onde professores precisam “disputar” espaço com fones de ouvido, plataformas digitais e smartphones.

Motivada pelas observações realizadas nos estágios supervisionados II e III da disciplina Prática de Ensino, pude observar que os jovens buscam nas músicas não apenas entretenimento, mas também representatividade de suas subjetividades e identidades étnico-socioculturais. Despertando-me assim, o anseio da construção coletiva de uma análise mais acurada das “entrelinhas” - dito e não dito - das letras de algumas músicas popularizadas e, até mesmo romantizadas muitas vezes pela mídia, mas que objetificam os corpos femininos, sensualizando-os e subalternizando-os aos desejos e ímpetos sexuais de uma figura masculina; em um estado onde 2.246 mulheres foram vítimas de estupro e 245 sofreram tentativa no ano anterior, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública – 2019.

Objetivou-se através de momentos lúdicos e cooperativos aguçar, nestes jovens, um olhar menos ingênuo e mais analítico-crítico para diversos discursos machistas, objetificadores dos corpos femininos e, até apologéticos ao estupro, presentes na mídia musical. Desmistificando e deslegitimando discursos que nos interpelam ideologicamente, transformando-nos em sujeitos ideológicos (ORLANDI, 2005); que naturalizam as violências simbólicas acometidas historicamente através da linguagem, inclusive pelo “consumo de bens

¹ Graduada em Letras pela Instituição FAFICA - PE, fabiosmara.aguiar@outlook.com ;

² Professor orientador: Mestre em Docência Universitária pela Universidad Tecnológica Nacional (UTN) Buenos Aires, fabio.brainer@hotmail.com ;

Artigo resultado do projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado III.



culturais, como signos de distinção” (BOURDIEU, apud FERNÁNDEZ, 2005); construindo uma compreensão acerca da formação ideológica, formação discursiva e condições de produção (BRANDÃO, 2012); associadas ao mecanismo de desautomatização hegemônico-cultural realizada através da intertextualidade, com a contestação paródica dessa linguagem (SANT’ANNA, 2003); reestruturando a formação discursiva, mediante a própria prática discursiva (MELO, 2009).

METODOLOGIA

O presente estudo consistiu-se em uma pesquisa-ação. BOSCO (apud Baldissera, 1989) ressalta a sua importância afirmando que elas contêm implicações para os setores sociais, como: o acesso ao conhecimento técnico-científico, que possibilita a participação e o “desvelamento” da realidade e sua efetiva transformação pelo trabalho/ação; o incentivo à criatividade, a fim de gerar novas formas de participação; a organização da base em grupos, nos quais eles sejam o sujeito/agente de sua transformação/libertação. Optou-se pela análise qualitativa dos dados obtidos com base em (MINAYO, 2002) e (BALDISSERA, 2001).

Segundo Bourdieu (apud Fernández, 2005) a dominação masculina seria o melhor exemplo para evidenciar uma das principais características da violência simbólica: o controle da consciência e da vontade através da criação de esquemas de *habitus sexados e sexuantes*. Para ele, esses esquemas exercem uma coerção e pressão tão sutis sobre os corpos e as mentes, que não são percebidas como tal, mas trazidas como a ordem natural das coisas. Afirmando que as progressivas relações de dominação sexual se dão através de um trabalho de socialização, frequentemente imperceptível, anônimo e difuso; mas que nos impõem uma construção social de representação do sexo biológico e de uma *hêxis corporal*³ que na verdade seria uma política incorporada. Defendendo que para a construção de uma verdadeira libertação feminina faz-se necessário uma ação coletiva, uma revolução simbólica, que ponham em questão os fundamentos da produção e reprodução do capital simbólico e, especificamente, da dialética da distinção, que são as raízes da produção e consumo de bens culturais como signos de distinção dos corpos.

³ Segundo a lógica da retenção a *hêxis* seria a absorção de formas corporais e de posturas, que, em longo prazo, acabam por tornar-se um sistema operatório, um sistema visível de conhecimento e reconhecimento, uma substância, com qualidades sensíveis e explicitáveis, capazes de dar uma visão de conjunto do indivíduo ou de um grupo de indivíduos (MONTAGNER, 2005).



Foi desenvolvida em uma turma de 2º ano E.M. - com 47 estudantes - na Erem André Cordeiro, escola semi-integral da rede estadual do Agreste Pernambucano, localizada no município de Brejo da Madre de Deus. Concretizando-se em três etapas: a análise discursiva coletiva de letras de músicas reconhecidas na contemporaneidade e a apresentação e desenvolvimento da tríade da AD (BRANDÃO, 2012), a desautomatização hegemônico-cultural (SANT'ANNA, 2003) dos discursos objetificadores dos corpos femininos e/ou apologéticos ao estupro presentes nestas, através da contestação dessas letras por intermédio de intertextos - paródias; concluindo com as apresentações das produções.

Pensando-se na naturalização dessas violências simbólicas, decorrentes dos contínuos processos de automatização (SANT'ANNA, 2003), buscou-se uma aproximação mais sutil com a temática, através da ouvida de relatos sobre a representatividade das músicas em suas vidas. Após a ouvida de alguns relatos, foi projetado no quadro branco vídeos de músicas populares dos gêneros musicais: sertanejo (Propaganda, 2018)⁴, Rap (Lôra Burra, 1993)⁵ e MPB (Ela é amiga da minha mulher, 2011)⁶, interpretadas pelos artistas Jorge e Matheus, Gabriel Pensador e Seu Jorge, respectivamente. Em seguida, foram expostas apenas as letras para uma releitura esmiuçada. Conceitos como formação discursiva, formação ideológica, condições de produção e violência simbólica foram apresentados, explorados, debatidos e desenvolvidos coletivamente a partir de trechos das letras mencionadas.

Na segunda etapa, foi projetada a letra da música “Surubinha de leve”⁷ (MC Diguinho, 2017) para análise, fugindo da influência do ritmo ou mixagem. SANT'ANNA (2003, p.73) afirma que “pela automatização, tem-se a confirmação da linguagem conhecida; pela desautomatização, tem-se a contestação dessa mesma linguagem”. Desta forma, foi proposto que agrupados os estudantes fizessem a análise discursiva / contestatória da letra por escrito e, em seguida, socializassem-na para a turma. O intertexto - a paródia - “Surubinha de leve: Resposta feminina”⁸ (Carol & Vitória, 2018), foi exibida posteriormente como exemplo de contestação discursiva e deslegitimadora do discurso objetificador do corpo feminino e apologético ao estupro reverberado na versão inicial.

Orientações para a ação foram realizadas, juntamente com explicações acerca da intertextualidade no trabalho de desautomatização hegemônico-cultural (SANT'ANNA, 2003)

⁴ Márcia Araújo et al. 2018. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jorge-mateus/propaganda/> .

⁵ Gabriel Contino, 1993. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/116215/> .

⁶ Ângelo Vitor Simplício da Silva et al. 2011. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/seu-jorge/1927506/> .

⁷ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-diguinho/so-surubinha-de-leve/> .

⁸ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vitoria-e-carolina-marcilio/surubinha-de-leve-resposta/> .



e da imprescindibilidade da deslegitimação da violência simbólica (BOURDIEU, apud FERNÁNDEZ, 2005), em uma sociedade misógina e patriarcal. Músicas com bastante notoriedade nos meios midiáticos foram sorteadas entre os grupos para a construção dos intertextos – *paródias* – a serem apresentadas na etapa final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na turma de 47 estudantes, 2 optaram por não participar da ação; uma alegando problemas pessoais e um outro, por a inadmissibilidade do contato com essas músicas diante de seus princípios religiosos.

Os grupos usaram formas peculiares de apresentação das paródias. O primeiro produziu um rap, transformando “Agora vai sentar”⁹ em “Vai ter que respeitar” - apresentando-o por meio de um videoclipe - usando também a dança no processo de desautomatização hegemônico-cultural. O segundo e o terceiro, fizeram uma espécie de sarau, com utilização de instrumentos musicais - como violão e saxofone – “Vidinha de Balada”¹⁰ permaneceu com o mesmo título, mas teve uma completa reestruturação discursiva, contestando-se a figura estereotipada da mulher-objeto e legitimando-a como a única dona de seu corpo e detentora de suas vontades; “Só quer Vrau”¹¹ conscientizou através de “Ela quer paz”. O último fez uma análise descritiva – com uso de projetor e slides – da versão sugerida, em seguida, realizou a cantata da paródia “Sinceramente”, contestando “Malandramente”¹².

O trabalho/ação desenvolvido resultou em uma “(re)descoberta da realidade” (BALDISSERA, 2001, p. 16) através do processo, ainda inicial, de desautomatização hegemônica-cultural. Observando-se o contato inicial com as letras exploradas, através de práticas discursivas orais, ainda ingênuas e prematuras de cientificidade e, as produções paródicas culminadas; houve-se uma (re)construção dessas práticas discursivas, mediante os trabalhos analíticos, reflexivos-críticos, cooperativos e criativos desenvolvidos. Protagonizando-se e legitimando-se discursivamente a mulher, como dona de si, de seu corpo e de sua vontades. Havendo-se a construção de uma compreensão científica coletiva do poder da linguagem na manutenção do *status quo* da sociedade e, no regimento de nossas próprias

⁹ MCs Jhowzinho & Kadinho, 2007. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mc-jhowzinho/agora-vai-sentar/>

¹⁰ Henrique e Juliano, 2017. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/henrique-e-juliano/vidinha-de-balada/>.

¹¹ Mc MM, 2018. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mc-mm/so-quer-vrau-part-dj-rd/>.

¹² Dennis Dj com part. Mc Nandinho e Mc Nego Bam, 2016. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/dennis-dj/malandramente/>.



relações sociais pela hegemonia cultural, que objetifica os corpos femininos, subalternizando-os discursivamente e simbolicamente perante os ímpetus sexuais de uma figura masculina. Contribuindo, ainda que inicialmente, com o desenvolvimento dos processos do “conhecer” e “agir” (BALDISSERA, 2001) sociais, para a formação de sujeitos/agentes mais cientes da complexidade das relações hegemônicas de poder, que se utilizam da linguagem para sua perpetuação e, da potencialidade de suas práticas discursivas para uma presente e futura transformação social. Onde-se haja a equipolência das vozes sociais e a representatividade igualitária dos corpos e papéis sociais nos discursos midiáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música sempre fez e, provavelmente fará, parte da trajetória humana; mas como todo e qualquer ato discursivo, não é neutra. A hegemonia cultural é produtora, reprodutora e potencializadora das violências simbólicas acometidas sobre os corpos femininos por intermédio dos bens culturais; como as letras de músicas popularizadas e muitas vezes, até mesmo romantizadas, pela mídia.

O resultado foi uma análise reflexiva-crítica da materialidade discursiva histórica que compõe os discursos das letras de músicas contemporâneas amplamente reconhecidas, que objetificam os corpos femininos, naturalizando violências simbólicas seculares e, potencializando até mesmo as físicas, trazendo-nas como a “*ordem natural das coisas*” (BOURDIEU, apud FERNÁNDEZ, 2005, p.24). A ação teve como aporte a intertextualidade - *paródia* - como mecanismo de desautomatização e deslegitimação desses discursos por jovens, que são muitas vezes consumidores dessas músicas, através de processos contestatórios discursivos, cooperativos e criativos.

As letras foram parodiadas, ganhando uma nova materialidade histórica-discursiva, dando voz a corpos silenciados e objetificados historicamente. Evidenciando-se a importância de pesquisas-ações dentro de espaços sociais institucionalizados, como a escola, que oportunizem as/aos participantes a compreensão de que “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza” (BRANDÃO, 2012, p.46), inclusive na produção e consumo de bens culturais. Revelando-se e contestando-se a realidade que nos é imposta. Empoderando-as/os, discursivamente, para a ampliação e avanço das discussões suscitadas.



Palavras-chave: Objetificação, corpos femininos, práticas discursivas, desautomatização, paródia.

AGRADECIMENTOS

A professora de língua portuguesa Prycilla Moura e aos estudantes, por terem abraçado tão calorosamente o projeto

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf> Acesso em 26 de março de 2019.

BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e “agir” coletivo.** Sociedades em debates, Pelotas 7(2): 5-25, agosto/2001. Disponível em: https://www.academia.edu/38883555/PESQUISA_A%C3%87%C3%83O_UMA_METODOLOGIA_DO_CONHECER_E_DO_AGIR_COLETIVO Acesso em: 02 de setembro de 2020.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 3ª ed. Ver. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

FERNÁNDEZ, Manuel. **La noción de violencia simbólica em la obra de Pierre Bourdieu: una aproximación crítica.** Cuadernos de Trabajo Social. Vol. 18 (2005): 7 – 31. Disponível em: <http://www.enlinea.cij.gob.mx/Cursos/Hospitalizacion/pdf/PierreBourdieu.pdf>. Acesso em 25 de março de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **A pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ; Editora Vozes, 21ª edição, 2002.

MELO, Iran Ferreira de. **Análise do discurso e análise crítica do discurso: Desdobramentos e intersecções.** Revista Eletrônica – Letra Magna. Ano 05 n. 11 – 2º semestre de 2009. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Melo_ADeACD.pdf. Acesso em 25 de março de 2019.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. **Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas.** Ciênc. saúde coletiva vol.11 no.2 Rio de Janeiro, Janeiro/Junho 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000200028&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso em 28 de março de 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas, SP; Pontes, 2005a.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia.** 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.